

## O ENTENDIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO E ESCOLA NA FAVELA

Natália de Campos Tamura<sup>1</sup>

*Resumo:* O seguinte trabalho busca analisar como a educação é entendida e assimilada pela única comunidade (favela) sobrevivente no centro da maior megalópole do país (Brasil). A Comunidade do Moinho.

*Palavras-Chave:* Educação. Crianças e jovens. Linguagem.

## UNDERSTANDING ABOUT EDUCATION AND SCHOOL IN THE FAVELA

*Abstract:* This article analyzes how education is assimilated by the only poor community in the center of the biggest city in Brasil – São Paulo. The community's name is Moinho.

*Key words:* Education. Children and young. Language.

A favela do Moinho, como é conhecido o conglomerado de casas de madeira precário debaixo do viaduto da Avenida Rio Branco, é a última favela que resta no centro de São Paulo. Para acessar a favela se faz necessário atravessar os trilhos do trem da Companhia de Transportes Metropolitanos de São Paulo.

A favela fica no bairro de Campos Elíseos, pertencendo ao distrito de Santa Cecília, subdistrito da Sé. O terreno, com pouco mais de 30 000 metros quadrados foi ocupado a partir de 2002, segundo o Centro de Memória da Bunge, empresa

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Especialista (Lato Sensu) em Gestão da Comunicação – Políticas, Educação e Cultura, pela Universidade de São Paulo e Bacharel em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero. Endereço eletrônico: nataliadecampos@gmail.com.

que já foi proprietária do local quando os moinhos ainda estavam em funcionamento.

O local abriga por volta de 2000 moradores, segundo os dados da Secretaria de Habitação de São Paulo. Lá, não há qualquer tipo de estrutura básica para habitação como água encanada ou luz elétrica – o que há, é improviso clandestino. Os barracos de madeira, construídos em volta dos trilhos do trem, conquistaram o espaço antes invadido pelo matagal. Dizem os moradores que ali a polícia despejava corpos antes deles ocuparem. Hoje, o espaço é palco de diversas vulnerabilidades como a disputa entre a especulação imobiliária e as promessas públicas de regularização fundiária do terreno.

O Moinho Central, como era conhecida a empresa que habitava o terreno, começou seu funcionamento no local em 1949 compondo o grupo Moinho Santa Cruz, também conhecida como Moinho Fluminense, por conta da grande unidade em funcionamento no Rio de Janeiro. Logo que inaugurado, o Moinho Central tinha capacidade de moagem de 450 toneladas diárias de farinha - fabricação moderna de rações balanceadas para alimentação animal.

Em 1956, entraria em funcionamento, no Moinho Central, uma fábrica de massas alimentícias, equipada com que havia de mais moderno em termos de maquinaria do gênero, segundo o Centro de Memória da Bunge, uma das principais empresas, centenária de agronegócios e alimentos do mundo e do Brasil, que adquiriu os Moinhos por volta dos anos 50.

A empresa operou, segundo relatos da Bunge, empresa que armazena parte da memória do local, quando ainda tinha seus funcionários trabalhando nos Moinhos, até meados dos anos 80. De lá pra cá, o local foi adquirido por duas empresas particulares durante um leilão da antiga Fepasa (empresa ferroviária paulista). Sem ocupação pelos proprietários, começou a ser invadido por volta de 2002, principal-

mente após a retirada de moradores da Favela do Gato, localizada nas margens do Rio Tamanduateí.

Entre 2011 e 2012, houve dois grandes incêndios na favela que destruíram centenas de barracos e mataram algumas pessoas. Segundo a imprensa poucas pessoas saíram machucadas. Os moradores dizem que foram mais de 30 pessoas mortas. Apesar da falta de laudos oficiais, os moradores acreditam que os incêndios foram recados dados à eles para deixarem o local.

Segundo a urbanista Ermínia Maricato (entrevista em [www.teoriaedebate.org.br](http://www.teoriaedebate.org.br)), professora da Faculdade de Arquitetura da USP e ex-secretária de Habitação de São Paulo (1989-2002), o capital imobiliário disputa território com os pobres que precisam ir, a cada dia, para mais longe. Temos uma reestruturação da ocupação metropolitana e urbana no Brasil a partir da especulação imobiliária sem controle fundiário o que leva empresas de construção pesada decidirem sobre a elevação de preço do metro quadrado - em São Paulo o metro quadrado aumentou 151% nos últimos 10 anos.

A Favela do Moinho sobreviveu ao adensamento da cidade ao redor. Ainda assim, não sentem-se moradores de seu bairro, visto que sentem a força da opinião contrária a sua continuação no terreno nos olhares que enfrentam no dia a dia ao se dizerem moradores de lá.

Há uma década existe na favela o projeto Oratório São Domingos, local dentro da favela de contra-fluxo escolar que recebe quase 120 crianças diariamente para atividades culturais. A iniciativa foi construída pela Aliança de Misericórdia, uma frente da Igreja Católica, Além do Oratório, a Aliança de Misericórdia construiu uma creche, fora da favela, mas bem próxima do local, para 150 crianças, entre zero e cinco anos, todas moradoras do Moinho.

No entanto, Oratório e creche não conseguem beneficiar todas as crianças e jovens que moram ali. O número de

crianças que moram na favela é expressivamente maior – crianças estas que vivenciam diariamente experiências carregadas de significados que passam despercebidos pela sociedade. Desde o conviver com carências múltiplas (o alimento nem sempre garantido, educação que não inspira mudança, o espaço vazio da afetividade paterna, em geral) ao acompanhar o crime, debaixo de seus olhos, dia a dia.

Tais vivências formam seu “eu”, suas relações interpessoais e seu olhar sobre o mundo. Também é este o público mais assediado pelo tráfico de drogas, tanto para se tornarem usuários ou fazerem parte do movimento. Também compõe seu cotidiano a violência e a desvalorização da sua cultura pela sociedade e desconhecimento da riqueza cultural disponível no bairro onde moram.

## Sobre educação

Para Mi, mãe de 4 meninos entre 6 e 14 anos, ser mãe é por limites. Não é só cuidar, botar comida na mesa e lavar roupa, mas mostrar pros filhos a realidade. A dificuldade não está só na convivência, como ela diz, mas em tantas outras coisas. O que ela teme mesmo é que qualquer um deles caia no crime. “Ai, pode esquecer que tem mãe”. Porque ela já provou do crime e sabe que não faz bem pra ninguém. E hoje em dia não ta dando pra deixar muito na liberdade porque colocando limites como ela põe eles já aprontam. “Imagina se eu não colocasse?”

Mi é uma entre as tantas mães que batalham para educar seus filhos na favela, fazendo valer a premissa de que educação vem de casa. Na escola, boa parte das mães acreditam que os filhos vão pra aprender mais informações e ser alguém na vida. Mães estas que dificilmente terminaram o primeiro grau ou leram um livro inteiro na vida. Ainda assim, estimulam os filhos a irem à escola se frustrando quando tomam conhecimento que perderam o controle sobre as

brigas dos filhos na escola ou quando eles escolhem o caminho da mentira.

Para Fa, mãe de 3 meninos, você pode ter futuro ou não ter, mas se vc tiver na escola você vai ter seu futuro do mesmo jeito. O problema do seu filho Ja é que ele não gosta de regras. Mas ela anda desconfiada das professoras tratarem mal seus filhos quando ela não está por perto. Está até com a ideia de comprar uma camera e colocar na bolsa deles. Porque na frente dela as professora são boazinhas, mas ela não sabe se tem tratado seus filhos direito.

O sociólogo Souza (2009, p. 46) nos alerta que os motivos pelos quais pais incentivam seus filhos a frequentarem a escola mesmo não tendo feito o mesmo são cognitivos, da “boca para fora”, posto que a maior parte desses pais não teve nenhuma experiência pessoal de sucesso escolar. Assim sendo, eles não tem como saber por experiência própria, os benefícios da vida escolar. Por consequência também não trazem consigo o hábito da leitura. Nenhum adulto soube contar nenhum livro inteiro que tenha lido. Assim, talvez o estímulo, “da boca para fora”, sem a força do exemplo, para a leitura das crianças não valha muita coisa.

Lo, mãe de 12 crianças, sendo 8 jovens de rua que adotou ao longo da vida, quando morava debaixo da Avenida São João, acredita que educação vem de casa. “A escola é uma ferramenta pra gente preparar o filho pro mundo. Não venha nenhum educador dar em mim não que não dá”. Ela acredita que tem mãe que é muito ausente, submissa, ainda em pleno século XXI. Principalmente mãe de criança pobre. E lamenta não ter ido muito a escola justificando que não estudou porque não tinha cabeça pra estudar. “Vivia sendo espancada, 24 horas, tinha medo de ficar dentro de casa”.

Freire (1989, p.90) comenta que uma educação baseada na conformação de identidades coletivas inferiorizadas, primitivas, não deixa espaço para o desenvolvimento do diá-

logo. E é ele que forma integralmente as pessoas, já que é dizendo a palavra que o ser humano se faz ser humano.

Neste sentido, constatamos diálogos rompidos das crianças que entrevistamos diante das escolas que frequentam. Em todas elas, há a ausência do papel da instituição, seja como lembrança passada, experiência viva no presente ou expectativa futura. “A minha escola é uma bosta”, disse Ana, de 8 anos. “Eu gosto da escola, mas não gosto da vaca, vagabunda da minha professora”, completou Ana. A raiva com a professora se justifica pela insensibilidade dela ao denunciar maus tratos dos pais de uma de suas amigas para o Conselho Tutelar. A amiga, que aparecia surrada nas aulas, foi parar em um abrigo, afastada dos pais e a classe entendeu que a culpa foi da professora, que não pensou nas consequências do seu ato.

O Conselho Tutelar, apesar de pouco comentado, é um órgão temido. “Eles vem aqui de vez em quando. Meus sobrinhos pequenos não podem ficar assim na rua, tranquilo, enquanto as mães trabalham. É perigoso eles cismarem. Se eles verem criança sozinha na rua e perguntarem da mãe, se ela não tiver lá, pode ser um problemão, entendeu?”. O jovem An, que nos conta esta percepção, deixa claro que, no fundo, todo mundo tem medo deles porque não há muita conversa. Em geral, todo mundo na favela conhece dois ou três casos de famílias que perderam seus filhos pro Conselho Tutelar.

A Ale, mãe de 2 meninas e um menino adotado acredita que não dá pra julgar as mães drogadas que deixam seus filhos. Ela mesma adotou um rapaz que dormia num parquinho que tinha na favela, numa cabaninha. A mãe biológica do rapaz é drogada o que quer dizer uma pessoa doente, sem condições de ser julgada. Como ela era amiga dele, o chamou para ficar na sua casa desde que as coisas fossem do jeito dela. O jovem hoje tem 16 anos e a chama de mãe. Ele, que nunca tinha ido à escola até os 7 anos, conseguiu organizar os

estudos e tem até sua carteirinha de vacinação em ordem, conta Ale orgulhosa de ter conquistado isso.

A jovem Gra, de 14 anos comenta que não sabe o que quer ser quando crescer. Ela sabe, no entanto, o que não quer ser — professora. “Dá muito trabalho. Tem professora que sai louca. Já mudou umas 10 vezes de professora na minha escola”, ela diz. Ela até gosta de ir na escola, mas falta um pouco porque tem preguiça. Gosta de ficar em casa vendo desenhos na televisão.

Entre os acontecimentos mais marcantes na escola das crianças estão as agressões e provocações constantes aos professores — “Rabisco a lousa. Eu escrevo pra professora na lousa. Escrevo palavrão. Cida, sua filha da puta”, conta E que também cabula aula sempre que consegue. E as revidações dos professores — “Ela bate com o apagador. Ela atira. Ai a gente grita”, diz Ja que adora quando a professora sai da sala porque ela pode bagunçar e desenhar o que quiser.

Boa parte das crianças e jovens se identifica apenas com uma disciplina — a matemática. Eles não sabem explicar o porquê, mas garantem que não tem nada a ver com os professores que lecionam a matéria. “Eles são chatos demais”. Ainda assim, a matemática faz sentido em seu dia a dia na convivência cotidiana do lidar com dinheiro.

O jovem W também não gosta da escola. Nem dos professores. Talvez ele goste um pouco de matemática, mas não sabe dizer porque. Com certeza não é por causa da professora que “tá lá pra ensinar nada”. Ele toca violão e um pouco de flauta. Está aprendendo Metálica, só que não vai deixar o cabelo crescer porque não dá certo. Mas melhor que rock é rap. Ele gostava de desenhar. Desenhava vários desenhos que vem na mente. Hoje não mais. Sobre os projetos que frequentava no bairro no contra-fluxo escolar, ele até gostou de ir por um tempo, ainda mais quando a prof Eli participava. É porque ela não era professora, era amiga e aí era diferente.

Depois que ela saiu do projeto ele deixou de ir. Só vai criancinha e ele não gosta.

Além disso, W diz que no projeto “quem é de fora da favela quer entrar na nossa mente. A gente sabe. Mas nós é blindado”. Deixando de participar das atividades fora da escola W passou a usar mais intensamente drogas. Hoje sabe que precisa de ajuda porque não consegue sair sozinho do vício. Enquanto espera alguma instituição pública aceitar sua internação ele continua a usar drogas para desespero de sua mãe e começou com pequenos furtos em supermercados. Depois de vacilar em um roubo simples, passou uma noite preso, por ser réu primário, onde conta ter apanhado e passado muito frio. Não quer esta vida, mas não sabe o que fazer dela.

Em busca da Profa Eliane, educadora que atuou durante vários anos em projetos no bairro e ainda hoje acompanha quase cotidianamente os jovens visitando-os na favela sempre que pode, ela comenta que

...ser professora é deixar de ser para ser outro. Aprendi a estar disposta, a me deixar invadir pelos questionamentos, pelos pedidos, pelo discurso que tem algo a dizer, mas não diz, deixando nas entrelinhas. Aprendi a me abrir para o outro, aprendi a escutar e olhar com olhos de enxergar. Aprendi a ser atravessada pela alegria que Paulo Freire descreve assim — ‘A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FOGLIATI, 2015)

O jovem An afirma que a Profa Eli é alguém muito legal, muito doce. “Ela se importa com a gente, de verdade. Ela chamou o taxi um dia e todo mundo foi junto. Ela pagou o taxi pra mim, você acredita?”. An foi o único jovem que comentou mais de um livro que leu e seus autores. Adora discutir as viagens que os livros geram na nossa mente. Mesmo os

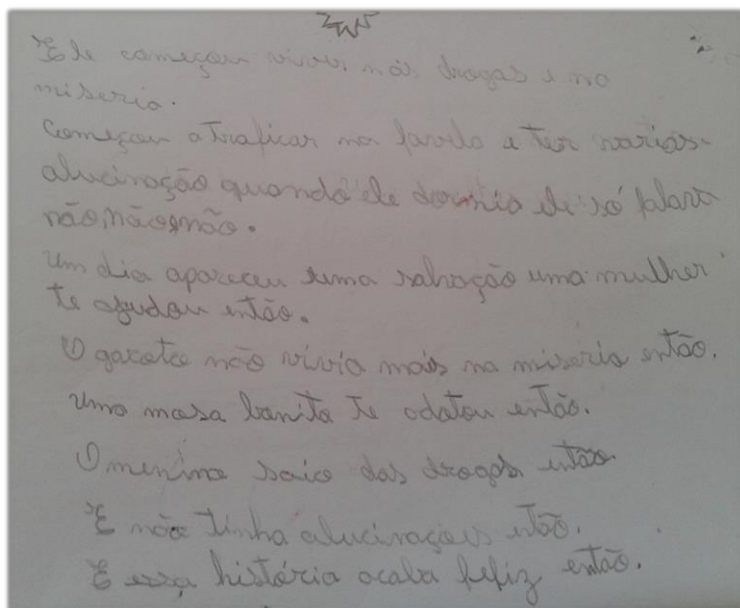


livros que não tem nada a ver como o Demian, de Herman Hess. Mas o que ele gosta mesmo são de caras que salvam outras pessoas com a força da fé, como Reinhard Bonnke, “um cara incrível que chegou ao ponto de ganhar 75 milhões de pessoas na África com suas pregações”. An adora ir a igreja onde aprende que tem que amar a ponto de dar a vida pras pessoas. Seu coração de pedra, depois de tocado por Jesus se quebrou. Histórias de superação ele tem várias pra contar. Acredita que sua família tem um pouco de rancor dele porque ele roubava dinheiro de suas irmãs pra tomar sorvete. An é o único evangélico da família e convida muito os amigos da favela pra irem com ele aos cultos, mas até hoje poucos toparam ou continuaram a ir depois de conhecerem. Ele fica triste, mas sabe que um dia eles vão se deixar tocar por Jesus. E entre todos os jovens da favela entrevistados foi o único que comentou querer fazer uma faculdade para dar uma casa melhor pra sua mãe. “Eu sonho com isso. Eu tenho muita gratidão por ela porque ela lutou muito pra fazer aquela casa, a ponto de querer levar ela assim pra um apto, sabe”.

A escolaridade pode ser fundamental para entendermos a dimensão de boa parte do mundo, mas talvez, não sua totalidade. Não ouvi-los ou dar a voz necessária para se expressarem é ignorar o repertório vasto e diverso que trazem e que escolas não tem dado conta de tratar, desde temas como sexualidade (e as dúvidas comuns da idade), a expressão musical e poética — riqueza de expressão de ideias e ideais que não ultrapassam os muros e os trilhos da favela.

Em 2015, Profa Eliane, pediu aos jovens, entre 13 e 16 anos, que registrassem o que gostariam de dizer ao mundo. Em seguida, os poemas produzidos por eles:

## Jovem Li, 13 anos, irmã de W:

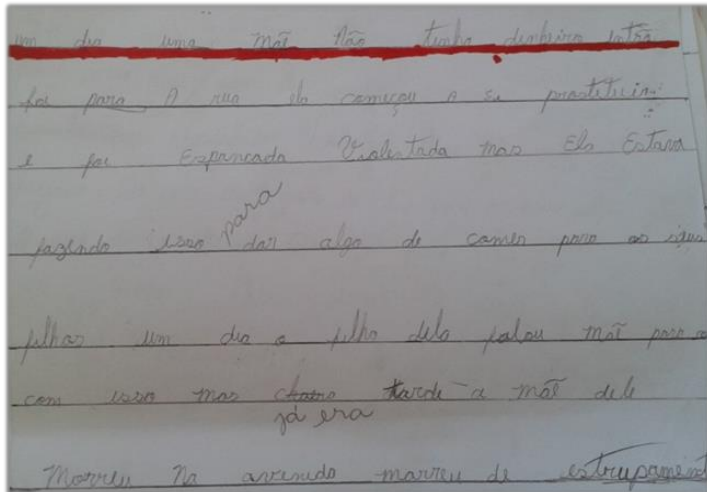


## Transcrição

A via um garoto muito triste, foi abandonado e morava na rua  
Mais esta estória não acaba assim  
Este tinha uma boa família que não vivia na miséria e em mais nada  
Mas tem uma coisa que eu vou te contar  
Uma noite aconteceu uma coisa os pais do garoto  
Foram buscar ele na escola quando estavam chegando em casa passaram por uma rua muito escura apareceram 3 assaltantes e falaram passa as coisas se não eu atiro a mulher começou a gritar o bandido deu um tiro a mulher afaleceu na quele mesmo local. O menino saiu correndo todo desesperado  
O garoto se escondeu dentro de casa e via pela janela o pai dele morendo mais que sofrimento

O garoto não tinha pra onde ir então ele foi morar  
 junto aos moradores de rua que dó  
 Ele começou a pedir na rua e uns homes chamaram  
 ele para fumar droga  
 Ele aprendeu a fumar e ficou muito visiado  
 Ele começou nas drogas e na miséria  
 Começou a traficar na favela e ter várias alucinação  
 Quando ele dormia ele só falava não, não e não  
 Um dia apareceu uma salvação  
 Uma mulher o ajudou então  
 O garoto não vivia mais na miséria então  
 Uma mosa bonita te adotou então  
 O menino saio das drogas então  
 E não não tinha alucinações então  
 E essa história acaba feliz então.

## Poema do jovem PV, 16 anos, filho mais velho de F

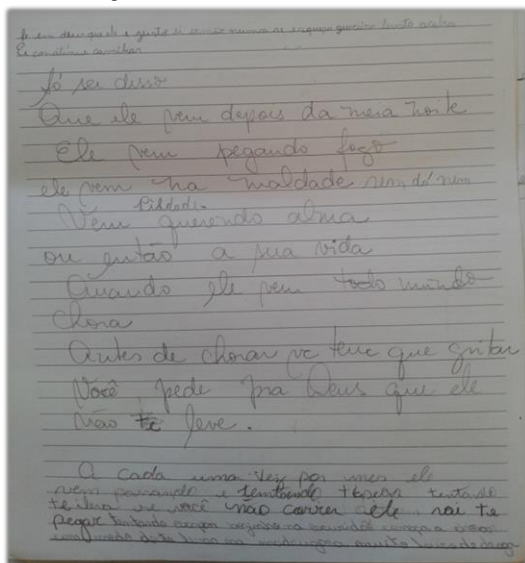


## Transcrição

Um dia uma mãe não tinha dinheiro  
 Então foi pra rua ela começou a se prostituir  
 E foi espancada, violentada

Mas ela estava fazendo isso para dar algo de comer  
para os seus filhos  
Um dia o filho dela falou  
Mãe para com isso mas já era tarde  
A mãe dele morreu na avenida  
Morreu de estropamento

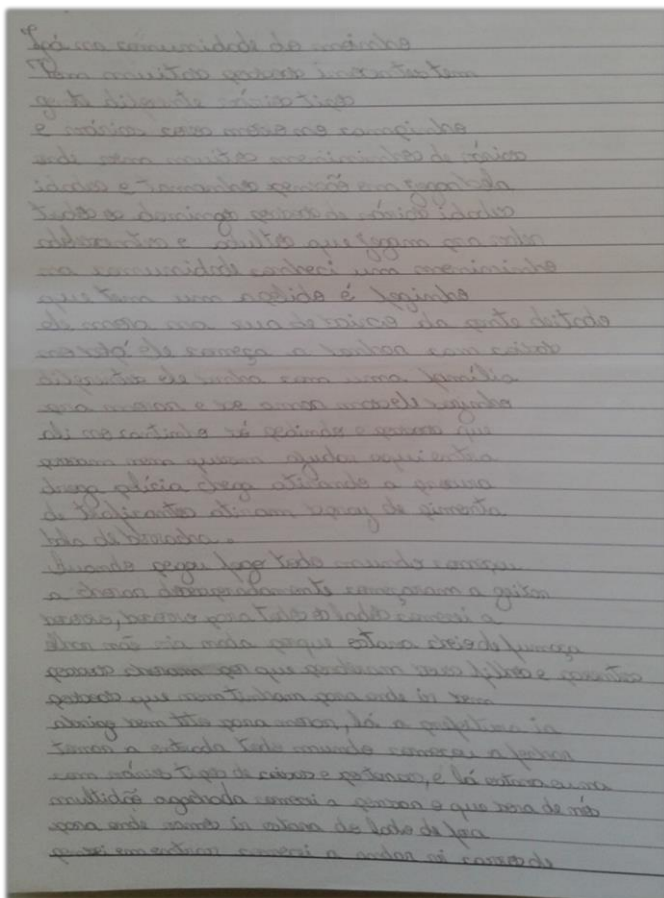
## Poema do jovem M, 15 anos



## Transcrição

Fé em Deus que ele é justo irmão.  
Nunca se esqueça guerreiro, levanta a cabeça e  
continua a caminhar.  
Só sei disso. Que ele vem depois da meia noite. Ele  
vem pegando fogo.  
Ele vem na maldade sem dó nem piedade. Vem  
querendo alma ou então a sua vida.  
Quando ele vem todo mundo chora. Antes de chorar  
você teve que gritar.

Você pede pra Deus que ele não te leve.  
A cada uma vez por mês ele vem passando e  
tentando te pegar.  
Tentando colocar você sozinho na escuridão.  
Começa a chorar com medo dele te levar na  
madrugada muito louco de droga.



temos que ir e chegar e tudo parece que também  
quero ajudar com iniciativas e organizações que possam  
criar projetos e ideias que possam ser úteis em  
diversas situações e lugares e também  
com a educação que seja que tudo isso possa  
gerar que possam trazer iguais e coisas novas  
para dentro da escola e também na realidade  
de fora da escola e coisas que os alunos que não  
tenham sido de dentro gerem ideias e coisas  
que possam ser úteis em muitas situações  
e que não seja só aquilo que se discute mas também  
que seja algo que seja simples e uma realidade  
de quem mora em uma favela.  
e seja também comum.

## Transcrição

La na Comunidade do Moinho  
Tem muitas pessoas inocentes, tem  
Gente diferente, vários tipos e várias cores  
Moro no campinho onde vem muitos menininhos de  
várias idades e tamanhos pensão em jogar bola  
Todos os domingos pessoas de várias idades  
Adolescentes e adultos que jogam pra valer  
Na comunidade conheci um menininho  
Que tem um apelido é foguinho  
Ele mora na rua debaixo da ponte deitado  
No sofá ele começa a sonhar com coisas  
Diferentes ele sonha com uma família  
Pra morar e se amar mas ele sozinho  
Ali no cantinho só pedindo a pessoas que  
Possam vem querer ajudar aqui entra  
Droga polícia chega atirando a procura  
De traficantes atiram spray de pimenta, bala de  
borracha.  
Quando pegou fogo todo mundo começou  
A chorar desesperadamente, começaram a gritar  
Socorro, socorro, para todos os lados comecei a  
Olhar não via nada porque estava cheio de fumaça  
Pessoas choram porque perderam seus filhos e  
parentes  
Pessoas que nem tinham pra onde ir sem  
Abrigo sem teto pra morar, lá a prefeitura ia  
Tomar a entrada todo mundo começou a fechar  
Com vários tipos de coisas e pertences e lá estava eu  
na multidão agachada comecei a pensar o que será de  
nós para onde vamos ir estava do lado de fora  
Pensei em entarar, comecei a andar, vi carros de  
Bombeiros que ia e chegava e tinha pessoas que  
também queriam ajudar com baldes e mangueiras o  
fogo apagar  
Pessoas feridas e pessoas que ajudavam uns aos  
outros as cameras começavam a filmar redes  
diferentes

Cadê a prefeitura que falou que tudo ia derrubar  
Gente que ajudava trazia água, comida e roupas  
Para vestir, sem água e luz só na escuridão  
Trazia colchões e cobertores para as pessoas que não  
Tinham onde dormir  
Gente desmaiada, mães chorando  
Porque perderam seus filhos mas no final poderíamos  
Ver o que restou não, não, não porque os policiais não  
deixaram  
Porque só sobrou pó e cinzas esta é uma realidade  
De quem mora em uma favela e hoje estamos assim.

## **A primeira dança de quadrilha em uma Festa Junina na favela**

Em 2014, durante a preparação de uma típica festa junina na favela por um grupo de voluntários, jovens e crianças foram envolvidos desde a concepção de camisetas juninas até a criação de brincadeiras como boca do palhaço, pescaria, jogo de argolas. A surpresa do dia esteve, no momento da quadrilha – as 70 crianças e jovens que compunham a festa ficaram surpreendidos sobre a dança proposta e precisaram aprender a dançá-la. Jamais tinham participado da dança em duplas e seu típico ritual – “dama cumprimenta cavalheiro” ou “olha a chuva, já passou”.

A iniquidade da ausência de diálogo, segundo Freire (1997, p.91), “é o encontro dos homens, midiaticizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. A clara falta da concepção de diálogo, desde o nascimento, as leva a interpretar o outro também pela agressão, como vemos na fala da Ana: “você conhece a Mari? É uma gordinha. Aquela que pegou pelos cabelos e jogou na privada”.

Na favela a distonância da educação não se trata apenas de um problema de diálogo, mas também de interação



com o tema. Adultos até acreditam na máxima que com estudo se chega a lugares diferentes, mas ainda assim, não sabem quais porque nunca chegaram próximos de provar isso. Em relação às crianças e aos jovens, em geral, não há nem mesmo este reconhecimento. Na escola se vai pra passar o tempo até porque tanto faz ir ou não. Os grandes momentos do seu dia não estão na instituição escolar.

A falta de referência educacional na vida destas pessoas também diz sobre como o mundo chega até elas e é percebido. Se a linguagem é um reflexo específico da realidade e, em certo sentido, criadora da nossa imagem de mundo, temos, no Moinho, uma percepção de mundo fragmentada e descontinuada, razão pela qual, os levam a práticas não presumíveis.

Adultos e crianças da favela talvez tenham aprendido a falar uma nova língua, diferentemente da estrutura tal qual a conhecemos – reflexo de uma condição de realidade especificamente adaptada. O fato de utilizarem uma linguagem própria, além da utilizada no entorno onde habitam – a cidade de São Paulo – repleta de denotações específicas e gírias próprias (fazê um corre, apanhar que nem suvaco de aleijado, o cu e a caatinga, zicar, castelar homem, gambé, viver com o veneno do salito, pular um fogo, maresiar, brechando, malinando, bombeta, maloca, se joga no terere, brizando, pensando no grilo) e construção de pensamentos fragmentados, dificulta a compreensão de quem não faz parte daquele meio, bem como, não os fazem entender o produto de seus pensamentos.

Logo, a linguagem própria utilizada também colabora na construção da sua cultura. Cultura esta que se manifesta no frágil diálogo entre mães e filhos cotidianamente. Grande parte dos adultos com os quais conversamos, marcados por feridas que ficaram desde sua infância, repetem com seus filhos a violência física ou verbal do diálogo agressivo com seus filhos. E a mesma relação se passa adiante: as crianças

na sua forma tantas vezes hostil de dialogar com o mundo expressam-se por uma quantidade restrita de palavras. Mais uma vez a palavra como operação do pensamento e forma de entender o mundo.

## Os terços de Nossa Senhora no pescoço dos jovens

Durante uma manhã na Favela do Moinho, crianças desenhavam em cartolinas seus sonhos para depois serem estampados em camisetas. Sorvetes preencheram as camisetas pintadas. 5 jovens meninos pintavam as camisetas com terços nos pescoços porque tratava-se da moda da semana. Eles não sabiam rezar o terço e na verdade não entendiam nem o que ele significava. Mas mostraram interesse em conhecer a proposta das contas que compunham o adereço. Entre contas maiores e menores, compreenderam a sequência de orações necessárias.

Jo, 11 anos, queria saber se aquele colar era o mesmo da Santa na sala ao lado, referindo-se ao rosário pendurado no pescoço de Nossa Senhora de Fátima e depois de saber que o rosário era na verdade três vezes o terço que eles tinham no pescoço, questionou “Pra que isso?”. A conversa não se bastou a compreender quem era a Santa ou porque carregava o rosário, mas ganhou a dimensão das grandes Guerras Mundiais, reveladas pela Santa as crianças pastores para as quais Nossa Senhora apareceu, segundo a história. E entre perguntas e questionamentos sobre como se desenvolveu a mentalidade de execução dos judeus na 2ª Guerra Mundial, o interesse das crianças se desenvolvia com o desenrolar e o desfecho do que foi uma Guerra que arrasou gerações. “Onde a gente consegue saber mais sobre esta história aí?”. Pergunta esta a mais difícil de ser respondida até então. Na escola? Dos 5 garotos, 4 já foram expulsos 3 vezes de escolas diferentes do bairro por mau comportamento.

## **Os dilemas da educação segundo Nóvoa**

Nóvoa (2007), nos ensina a olhar a escola sob o ponto de vista além de respostas únicas, como boa ou má. Ao tratar sobre os desafios do professor no mundo contemporâneo, primeiramente nos questiona sobre a ideia da escola ser centrada no aluno ou na aprendizagem, defendendo a segunda opção como mais interessante, já que acredita que nos últimos anos, a pedagogia focada no aluno trouxe para as escolas transbordamentos – ela passa a querer abarcar todo tipo de assunto, “engordando” consideravelmente e não cumprindo efetivamente nenhum deles.

A proposta é que a escola não é todo o espaço público para educação e quando decide assumir este papel, acaba talvez por não dar conta da sua razão de existir: o aprendizado. O autor acredita que todas as crianças deveriam sair da escola com o mesmo patamar de conhecimento; a proposta de diferenciação pedagógica, onde um aluno ajuda o outro, conforme suas habilidades e o professor deixa de ser o protagonista único em sala de aula, passando a ter o papel de organizador das situações de aprendizagem; e, a ideia de que são necessários métodos de estudo e trabalho, já que não ensinamos nossas crianças a estudar, nem trabalharem.

Uma educação centrada na aprendizagem e não no aluno, possivelmente deixaria de atuar como pedagogia ausente – fato percebido pelas crianças da favela, já que nenhuma tem qualquer identificação pelo seu dia a dia de aprendizado. A escola ainda está muito enlatada em comportamentos e raciocínios que não dão conta de impactar todos que a frequentam. É verdade que a escola já não dá conta de abarcar todos os temas o tempo todo, faltando apoios múltiplos de outras tantas instituições e órgãos sociais que precisam responder pelas suas responsabilidades.

O segundo dilema nos questiona quanto à forma de enxergamos a escola: como comunidade ou como sociedade? O autor acredita que as comunidades tem o direito de imporem sua cultura, seus comportamentos e formas de entenderem a realidade no ambiente escolar, mas que educar é libertar a criança também do que ela conhece, respeitando sua origem, mas levando-a para além do mundo que habita. Por isso, mais do que financiar as famílias que decidem onde colocarão seus filhos para estudar, deveríamos financiar as escolas que as ensinariam a viverem em sociedade e não apenas em comunidades.

As crianças da favela estão sendo ensinadas, tanto por suas famílias, como pela escola a sentir-se aceito somente na comunidade da qual faz parte e não fora dela. Tratam-se de crianças que apenas sentem-se bem circulando em seu próprio território e, portanto, mostram-se deslocadas em qualquer outro espaço da cidade, principalmente os ambientes públicos tidos como culturais. Como não se percebem bem-vindas, as crianças ou não frequentam os espaços do bairro onde moram ou, quando o vão, vez ou outra agem com posturas consternadoras para se protegerem de abordagens punitivas – agem como malandros falando alto para marcar sua presença e intimidar o diferente ou se passam por vitimados em busca de dinheiro para sobreviver.

Uma das diversões de Ya, Al e H, entre 13 e 14 anos, é pegar o ônibus rumo a Osasco a fim de pedir dinheiro nos supermercados da região. Os jovens abordam as pessoas que estão fazendo compras e pedem os trocos que sobram para interar a cesta básica ou comprar o gás. “Ai, a gente compra salgadinho, bolacha. Já sai com 100 reais, é mó boiada”. Segundo Ya, “Não é porque nós precisa, mas nós quer dinheiro pra gastar. Nós quer tranquera pra comer”. Já chegaram 4 horas da manhã desta brincadeira porque perderam a hora. As mães ficaram um pouco bravas, mas já estão acostumadas, dizem os jovens, porque sabem que eles estão juntos.

Pedir no shopping é mais complicado. Se os guardas pegarem, eles machucam. Então tem que fugir dos gambé. “Eles levam a gente no quartinho e mete o cacete. Eles dão vários pisão no seu pé. Um dia o cara levou o Foguinho no quartinho e disse, se quer água ou fogo? Ai ele falou água. O cara afogou ele num balde d’água”.

O terceiro dilema de Nóvoa pergunta se a escola deveria ser entendida como um serviço ou como instituição, e, por mais que tenhamos entendido-a nos últimos anos como um serviço, é necessário a vermos como instituição, um local onde se institui a sociedade, a cultura e onde nos instituimos como pessoas.

Talvez pelo fato de entendermos a escola como um serviço e não como instituição, deixamos de lado o processo educacional como processo de criação, dotado de várias formas de se conceber o fenômeno educativo: humano, histórico, multidimensional (que envolve cognitivo, emocional, sociopolítico, cultural, entre outros). Neste sentido, temos criado reprodutores de um sistema mal feito – crianças e adultos, como os da favela, que não lêem livros e não foram despertados para o interesse em fazê-lo.

Fa, 35 anos, faz supletivo para terminar os estudos deixa claro que só leu o Auto da Compadecida porque foi obrigada. Tratava-se de um trabalho de escola que ela tirou nota 5. E leu mais ou menos. Na verdade, ela não gosta de ler nem um pouco. Ainda assim, tem consciência que se quiser arranjar algum serviço para deixar de puxar sua carroça (fonte do seu sustento diário), ela precisa terminar os estudos e fazer alguma faculdade. Senão, só vai arranjar trabalho de faxina, que ela não gosta. Por isso, prefere puxar a carroça todo dia.

E entre todos os sintomas, um bastante latente: o de que a instituição escolar não faz sentido para boa parte destas crianças, levando-as a interpretá-la como um espaço de passagem, onde não criamos conexão, relacionamentos ou

identidade. Locais assim, criam tensões solitárias não dando espaço para o ato de confiar. Vivenciar, logo, uma escola que não dá espaço à criação de laços e diálogo é estabelecer a crise de confiança e assegurar uma força à lógica violenta que o cenário vivencia.

Entre tantas nuances da educação, percebemos sua complexidade a cada fala e olhar ao longo das entrevistas realizadas. Pareceu-nos claro que professores não sabem o que os seus alunos tem como repertório ao entrarem em salas de aula. Por isso, dificilmente entendem suas linguagens, seu comportamento ou a expressão de seus problemas. Ainda assim, conforme nos tem mostrado a história, para nos tornarmos educados é necessário muito mais do que apenas frequentar as salas de aula.

Souza (2009, p. 82) elucida sobre o verdadeiro abismo entre as crianças da classe média e da “ralé” brasileira. Enquanto as primeiras chegam à escola já tendo recebido dos pais todo o estímulo, os melhores exemplos e a carga de motivação diária necessária para o difícil aprendizado que a disciplina escolar significa para as crianças, as crianças da “ralé” chegam completamente despreparadas para os mesmos desafios. Não levar em conta esta dimensão fundamental é continuar pensando que todas as pessoas são produzidas com as mesmas capacidades e chances de competição social.

Talvez a ideia de transformação da educação seja por meio da reflexão com os outros, pelos outros, através dos outros e jamais isoladamente. Ganhamos a consciência da totalidade na medida em que construímos, juntamente com o outro um olhar sob a vida. Quanto mais investigarmos as relações com o outro, mais nos educamos mutuamente e evoluímos a maneira programática de pensarmos educação – focados na resolução sistêmica do problema. Falta-nos, de qualquer forma, deslumbrarmos a importância vital de uma educação que potencialize a vida.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

NÓVOA. António. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. Livreto publicado pelo Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007.

SOUZA, Jesse. *Ralé brasileira : quem é e como vive*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

[Recebimento: 08 ago. 2016 — Aceito: 31 out. 2016]